



História: Debates e Tendências

ISSN: 1517-2856

felipeabal@upf.br

Universidade de Passo Fundo

Brasil

Meyrer, Marlise Regina

As mulheres teuto-sul-rio-grandenses: a produção da distinção social

História: Debates e Tendências, vol. 14, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 153-166

Universidade de Passo Fundo

Passo Fundo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456387011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As mulheres teuto-sul-rio-grandenses: a produção da distinção social

The teuto-sul-rio-grandense women: the production of social distinction

Las mujeres teuto-sul-rio-grandenses: la producción de la distinción social

Marlise Regina Meyrer*

Resumo

O artigo trata de uma escola feminina alemã – a *Evangelisches Stift* –, que funcionava em regime de internato, em Hamburgo Velho – *Hamburgerberg* –, desde o final do século XIX. A partir disso, analisa-se a formação escolar das, assim denominadas, "moças das melhores famílias", como produtora dos elementos simbólicos da distinção social. Nesse sentido, o estudo rompe com a historiografia clássica sobre as mulheres *teuto-sul-rio-grandenses* em que predomina uma visão estereotipada e homogênea do grupo, desconsiderando a multiplicidade de identidades que o conforma. Busca-se demonstrar de que forma componentes socioculturais, religiosos, étnicos e de gênero traçam a identidade

feminina teuto-brasileira no Rio Grande do Sul no final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Imigração alemã. Distinção social. Identidade.

* Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1993). Mestranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997) e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente, é professora da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Recebido em 28/07/2013 Aprovado em 13/08/2013

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.14n.1.4172>

Introdução

O artigo tem como tema central o estudo das mulheres na região de colonização alemã do Vale do Rio dos Sinos/RS no final do século XIX e início do século XX. Busca também identificar as diferenças sociais do grupo que, mesmo compartilhando uma identidade de gênero e étnica, reunia realidades sociais e culturais distintas, ou seja, pretende compreender o processo de construção e consolidação dos critérios de distinção social dentro do universo feminino *teuto-sul-rio-grandense*, entendidos como princípios fundamentais de divisão do grupo em questão.

Ao estudar a imigração alemã no Rio Grande do Sul, constatamos que os especialistas nessa temática a têm estudado, predominantemente, sob o enfoque étnico, uma vez que a maioria das obras existentes analisa a sociedade de imigrantes e seus descendentes como sendo homogênea, assim como o fazem em relação à produção e à aceitação dos valores culturais entre seus membros. Essa característica da historiografia sobre imigração foi apontada por Gertz, que afirma:

[...] um dos problemas da historiografia sobre imigrantes é a suposição de que estes constituem um grupo homogêneo e monolítico [...] que, mesmo pressupondo que possuísem alguns interesses ideais em comum – possuíam interesses ideais e materiais diferentes (1991, p. 9).

Partindo desse pressuposto, dirigimos nossa atenção para a identificação de algumas diferenças no interior do grupo teuto, dentre as quais aquelas que dizem respeito aos pa-

péis assumidos pelos gêneros masculino e feminino, o que nos conduziu ao estudo sobre as mulheres na zona de imigração alemã. Entretanto, o grupo formado pelas mulheres de origem étnica germânica, por sua vez, não se constitui num bloco homogêneo, mas traz, no seu interior, outros princípios de divisão, como religião, cultura e/ou classe social. Por entendermos, conforme Bourdieu (1989), que num espaço social os diferentes componentes identitários agrupam-se em torno de alguns princípios fundamentais, sendo o fator socioeconômico aquele que, em geral, prevalece, optamos por enfatizar as diferenças sociais no grupo feminino *teuto-sul-rio-grandense* na região definida para o estudo.

Num primeiro momento, buscamos registros sobre as mulheres imigrantes ou descendentes, os quais, inicialmente, revelaram-se reduzidos. Historiadores clássicos da imigração, como Willems (1980) e Roche (1969) dedicaram poucas linhas em suas obras ao gênero feminino, nas quais transparece uma imagem da mulher “colona”, em contraste com a “lusa”. Destacam, entre outras características, a capacidade de trabalho da “colona”, a sua maior liberdade de movimentação social e a sua participação nas decisões econômicas da família. Um espaço um pouco maior lhe destinou Amado (1978), em sua obra sobre os Mucker, mas, mesmo assim, pouco avançou além do exposto pelos demais autores aqui referidos. Sobre a mesma temática, Gevehr (2007) analisa a dinâmica que envolve a produção das imagens e as representações sobre a líder dos Mucker. O autor valeu-se da discussão dos diferentes veículos de produção de uma memória sobre Jacobina – desde o final do século XIX

até o início do século XXI – quando esta teve sua imagem glorificada pelo cinema, com a *Paixão de Jacobina*. Entre os trabalhos que tratam especificamente dessa temática, destacamos os de Magalhães (1993) e Bonow (1996), que analisam a construção da imagem da mulher alemã através da imprensa teuto-brasileira, e os de Renaux (1995), que verificam o papel da mulher teuto-brasileira no Vale do Itajaí.

Nenhum desses trabalhos, contudo, tratou das diferenças no interior do grupo feminino. Embora autores como Roche (1969), Willems (1980), e Gevehr (2007) enfatizem a mulher “colona” e outros, como Renaux (1995) e Magalhães (1993) abordem a mulher burguesa, as diferenças socioculturais não foram evidenciadas. É nesse sentido, buscando compreender a heterogeneidade do segmento em questão que direcionamos nossa análise, ou seja, buscamos identificar as diferenças que separavam as mulheres *teuto-sul-rio-grandenses* cujo espaço era a roça ou a fábrica daquelas destinadas à “sala de visitas”, não descurando, entretanto, os outros elementos dessa identidade. Assim, gênero, etnia, religião e classe social perpassam o universo feminino, configurando-se como componentes importantes na construção simbólica da distinção.

Para estudarmos a construção do processo de distinção, recorreremos, fundamentalmente, ao estudo de uma escola feminina alemã em regime de internato, que funcionava desde o final do século XIX na localidade de *Hamburgue-Berg*,¹ com o nome de *Evangelisches Stift* (Fundação Evangélica). Detemo-nos na documentação do período entre 1886 e 1927.² As fontes relativas a essa Instituição revela-

ram, no que diz respeito ao seu público-alvo, uma figura feminina diferente daquela caracterizada como “colona” na bibliografia clássica sobre a imigração alemã. As alunas não pertenciam apenas ao grupo étnico dos alemães na sociedade sul-rio-grandense, mas também, a um grupo que se distinguia, sobretudo, pela sua posição social.

Há um consenso entre os estudiosos da imigração alemã de que a mulher ocupava, nessa região, especialmente nos primeiros tempos, uma posição de destaque, mesmo que oficialmente o papel principal coubesse aos homens. Amado (1978, p. 41) diz a esse respeito que “a opinião delas era levada em conta na compra de um lote de terra, de uma vaca, ou mesmo de algumas sementes”. A autora atribui essa relativa importância à sua contribuição econômica, necessária nesse período de instalação. Embora Roche (1969) diga que a abrangência do trabalho feminino foi mais importante na primeira geração de imigrantes, os relatos orais apontam para a permanência dessa situação no século XX, como possível extrair do testemunho da Sra. Luiza, moradora de Rolante/RS na década de 1920:

[...] na colônia eu trabalhava de tudo, cortava lenha, limpava o mato, e depois pegava o cavalo botava no arado lavrava e se o cavalo não andava direito, pegava os boi [...]. Na roça as mulhé trabalhava igual os home [...]. Em casa os home não ajudava nada [...].³

É sabido que no processo de construção das distinções, relevante papel coube ao sistema educacional, o qual foi importante na produção/reprodução de valores e de comportamentos sociais, especialmente àqueles veiculados pela sociedade burguesa, conforme informa-nos Bourdieu (1989), a partir

de seus estudos sobre o sistema educacional francês, nos quais aponta para a posição central do sistema de ensino na reprodução de práticas e representações que legitimam as diferenças sociais. Também Foucault (1987), embora partindo de perspectiva distinta dos mecanismos de produção e reprodução da sociedade, enfatiza o sistema educacional como *locus* privilegiado para essas práticas, que, em última análise, moldam determinados comportamentos, neste caso, de um grupo específico exposto a tais práticas.

A escola observada forneceu significativo material para o conhecimento do grupo, aqui denominado de burguês,⁴ o qual era composto pelas camadas médias e altas da sociedade teuto-brasileira, assim como dos mecanismos de produção e reprodução dos componentes de distinção. O ponto de partida para esse entendimento encontramos na própria documentação da escola, no parecer do Pastor Braunschweig, emitido quando por ocasião de visita à *Evangelisches Stift*, em 1907, ou seja, “[...] trata-se de um pensionato para moças das melhores famílias [...]”.⁵

Os critérios de distinção tornavam-se mais importantes na medida em que o outro, do qual pretendia diferenciar-se, partilhava de alguns aspectos em comum, como a etnicidade e, nesse caso, o gênero. Entretanto, foi exatamente no reforço desses elementos específicos que se concentraram os critérios da diferenciação, a exemplo de quando, como veremos adiante, a língua, por ser o componente étnico mais evidente, tornou-se um fator de distinção por excelência, ao separar a moça “educada”, que falava o alemão gramatical, da “colona”, que falava o dialeto; ou ainda, a diferença entre a alemã, que realiza-

va trabalhos domésticos para o seu sustento, e aquela que aprendia técnicas domésticas na escola, para administrar a casa, ou seja, para *dirigir* os trabalhos domésticos.

O desenvolvimento econômico da região no final do século XIX fez surgir um grupo social e economicamente diferenciado no interior da sociedade teuto-sul-rio-grandense. Esse ocupou, cada vez mais posições distintas na estratificação social. Algumas camadas dessa sociedade buscavam *status*, acentuando os aspectos simbólicos do grupo, cuja definição pode ser dada muito mais pelo seu *ser* do que pelo seu *ter*. A busca de *status* pode ser inferida das palavras de Roche (1969) ao analisar as mudanças de comportamento em parte da sociedade teuto-sul-rio-grandense, a partir da segunda metade do século. Referindo-se aos comerciantes, diz-nos que eles foram separando-se cada vez mais dos camponeses para formarem uma *classe*. Para o autor, a distinção social dos teutos processava-se em oposição ao *colono*, associando, dessa forma, a questão social à dicotomia urbano-rural:

É verdade que, se foi sua situação estabelecida sobre bases econômicas, eles a reforçaram com esteios culturais, tomados de empréstimo por muito tempo ao meio de que haviam saído, isto é, ao meio germânico. A abundância de que gozavam permitiu que seus filhos fizessem estudos mais prolongados, renovassem os contatos com a terra dos avós, quer através de livros lá editados, quer através de estágios na Alemanha, ao passo que os colonos dela não conservaram senão uma imagem que se esvaía cada vez mais; [...]. Defensores do “*Deutschtum*”, também foram mais sensíveis que os camponeses à propaganda pangermanista ou hitleriana (ROCHE, 1969, p. 583).

Ao estudar a organização social da colônia de São Leopoldo, Amando observa que, a partir da segunda metade do século XIX, o fator dominante no relacionamento entre os habitantes foi a posição socioeconômica:

A riqueza e o poder passaram a ser mais importantes que os laços de parentesco: dois comerciantes ricos não aparentados tendiam a ser mais solidários e a se identificarem mais um com o outro do que por exemplo um comerciante e um colono unido por parentesco (1978, p. 79).

As medidas citadas por Amado (1978) indicam uma busca de distinção a partir de ações de caráter essencialmente simbólico, o que reforça, ou, no entender de Bourdieu (1989), duplica as diferenças propriamente econômicas. Dessa maneira, algumas práticas sociais eram consideradas distintivas, obtendo tanto mais prestígio quanto mais claramente simbolizarem a posição dos agentes na estrutura social. Logo, nesse processo de construção das distinções sociais, importante papel coube ao sistema educacional, na medida em que, em decorrência do desenvolvimento econômico, político e ideológico dominante na sociedade sul-rio-grandense, em especial na teuto-brasileira, surgiram escolas diferenciadas para atender grupos sociais distintos.

Considerando o grupo étnico em questão, as diferenças estabeleciam-se entre as escolas comunitárias, destinadas exclusivamente ao ensino elementar e dirigidas, principalmente, à população rural, isto é, aos *colonos* e, às escolas mais avançadas - educandários de aperfeiçoamento - nas quais os teuto-brasileiros recebiam uma educação diferenciada. Essas últimas situavam-se geralmente nos núcleos urbanos e destinavam-se

a uma fração do grupo, as quais poderiam prolongar a educação dos filhos e arcar com os custos elevados do ensino.

A partir da análise das fontes observamos que a *Evangelisches Stift* diferenciou-se pela qualificação de seu ensino e do corpo docente, porém a busca por aprimoramento não levava em consideração elementos étnicos ou religiosos, mas, sociais e culturais identificados com a posição social do público que a escola pretendia atingir, ou seja, as moças da *melhores famílias*. Citamos como exemplo a família Ludwig, em que o patriarca, Sr. Guilherme Ludwig, apontado em uma publicação destinada a divulgação da indústria rio-grandense da época como “[...] o mais importante industrialista do Estado, na sua especialidade [...]” (MONTE DOMEQ, 1918, p. 255). Em depoimento, suas netas, Sra. Renata e Sra. Madalena contam sobre a vida de sua mãe, ex-aluna da escola em questão, nos anos de 1916-1917:

O vovô estava bem de vida, eles viajavam muito para a Europa, foram três vezes para Europa. Ele era uma pessoa muito esclarecida, uma pessoa culta. Era político, presidente de clubes... quando a mamãe se casou, ele foi para a Europa e trouxe o enxoval todinho da Alemanha, o piano, os cristais, porcelanas, roupas de cama, roupas de baixo (camisolas), tudo ele trouxe da Alemanha para minha mãe.⁶

A *Evangelisches Stift* esteve inserida na realidade educacional brasileira da Primeira República, na qual a educação feminina seguia o sistema educacional brasileiro como um todo, ou seja, um sistema excludente cujo acesso à educação secundária e superior era, de modo geral, acessível somente a pequena parcela da população. No Rio

Grande do Sul, por muito tempo, a única opção nesse sentido era a escola Normal ou Complementar em Porto Alegre, as quais tinham, porém, um inconveniente para a população de origem alemã: era preciso dominar o idioma português. Assim, para as moças evangélicas, de origem alemã, a única opção era a *Evangelisches Stift*.

Essas escolas, como mencionado, tinham como alvo as filhas das famílias abastadas e em que sua educação era parte do processo de aburguesamento, pelo qual passava a sociedade de então, na qual se difundiam novos valores e estilos de vida inerentes àquela classe social específica. Nesse movimento reforçaram-se os papéis historicamente atribuídos às mulheres do mundo judaico-cristão – de mãe responsável pela formação dos filhos e pela moralidade do lar – e o pleno exercício de tais práticas passaria representar, cada vez mais, o *status* da família. Para exercê-los, no entanto, era preciso prepará-las. De acordo com Louro (1987, p. 446),

[...] mais educadas do que instruídas... para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução.

A análise do currículo do curso ministrado na *Evangelisches Stift* e das técnicas disciplinares que orientavam o funcionamento da escola possibilitou-nos identificar a formação burguesa recebida por suas alunas. Lembramos que na época não havia exigência por parte dos órgãos públicos em relação ao currículo dos cursos das escolas particulares, as quais tinham total liberdade para sua definição. Baseado nos anos de 1897, 1915 e 1920 observamos algumas mo-

dificações ao longo dos anos, em especial nas últimas séries do curso. As mais significativas foram o aumento da carga horária na disciplina de português, reduzindo o número das aulas de alemão e acréscimo das aulas de Trabalhos Manuais e de Música.

O ensino da Língua Portuguesa na Instituição caracterizava-se por elevada carga horária e extenso conteúdo, indicando que as alunas adquiriam ao final do curso, domínio da língua e conhecimentos a respeito de cultura geral brasileira, parecendo destoar das características étnicas evidentes na escola. Esse privilégio do português está diretamente vinculado ao público-alvo da escola, ou seja, a burguesia feminina *teuto-rio-grandense*, a qual pretendia integrar-se a vida social urbana do Estado, visto que o português ocupava o topo na hierarquia linguística. Para esse grupo, o domínio do idioma nacional tornou-se necessário, de acordo com Willems (1980), para obter *status* social. Segundo ele,

[...] a ascensão econômica dessas famílias, o status elevado que iam conquistando aproximava-as, em escala crescente, da esfera nacional, sobretudo no sentido econômico e político [...]. Muitos pais sacrificavam os seus escrúpulos étnicos e religiosos à carreira dos filhos, optando deliberadamente pelo bilinguismo (1980, p. 229).

O posicionamento do grupo burguês, em relação à esse aprendizado pelos jovens era identificado na *Evangelisches Stift* pela correspondência enviada para a Alemanha datada de 1913, em que a professora Frida Pechmann queixava-se da falta de professores de português e da exigência dos pais das alunas, relatando que “[...] por enquanto uma professora de português do lugar

lecionou uma a duas horas aulas diariamente, mas não é o suficiente, os pais exigem mais português”.⁷

Mesmo pertencendo à nacionalidade alemã, esses indivíduos tinham interesse pelo idioma nacional pelo fato do português ser reconhecido como língua oficial do país. Para Bourdieu (1996), a língua oficial domina o que ele chama de mercado linguístico unificado pelo Estado, com uso obrigatório em ocasiões e espaços oficiais. Assim, os cidadãos brasileiros descendentes de alemães teriam que dominá-la. Por outro lado, os alemães defendiam a ideia do *teuto-brasileiro*, ou seja, a cidadania brasileira não inviabilizava a nacionalidade alemã. Logo, consideravam-se alemães e cidadãos brasileiros. Esse posicionamento decorre da ideologia de que o conteúdo étnico é dado pelo direito de sangue. Assim,

[...] a categoria de identificação assume um duplo aspecto: um étnico (ou nacional), que implica numa série de características raciais e culturais; o outro de ordem política [...] vincula o indivíduo ao Estado brasileiro (SEYFERTH, 1989, p. 99).

Nesse sentido, embora a língua materna fosse o alemão, falado em casa ou entre os membros do mesmo grupo étnico, o *reconhecimento* do português como língua oficial impunha a necessidade de *conhecê-la* da melhor forma possível, pois, falar corretamente a língua oficial constituía-se em um dos valores simbólicos adquiridos pela burguesia para distinguir-se socialmente. A dualidade em relação à linguagem, foi para Willems (1980), característica das camadas abastadas da sociedade teuto-brasileira em que, por muito tempo, vigorou uma situação de bi-

linguismo. Ao contrário, no meio rural predominou a hibridação linguística, resultante da incorporação de palavras portuguesas aos diversos dialetos.

Seguindo essa lógica, o ensino de alemão na *Evangelisches Stift* adquiriu um sentido predominantemente étnico cultural. O alemão era a *língua do coração*, pela qual se transmitia os valores contidos no *Deutschtum*.⁸ Somente através dela, da língua, alcançava-se o verdadeiro *espírito alemão*.⁹ Assim, seu uso era obrigatório nas situações cotidianas. Fora do horário das aulas exigia-se que as moças internas falassem somente o alemão, valorizando o caráter afetivo e espiritual da língua.

Diferenças entre o *Hochdeutsch*,¹⁰ ministrado na escola, e os diferentes dialetos, falados pelos colonos, servem de argumento para demonstrar que a língua alemã, enquanto componente da identidade étnica, também apresentava divisões que expressavam a hierarquia social existente na sociedade *teuto-sul-rio-grandense*.

Nesse contexto, da sociedade *teuto-sul-rio-grandense*, as escolas eram fundamentais para a difusão, ainda que restrita do *Hochdeutsch*. Mesmo nas escolas rurais, na qual a maioria dos alunos falava o dialeto, a alfabetização realizava-se na língua padrão alemã. Porém, como para a maior parte da população teuta da zona rural, o período escolar era reduzido, o uso dessa forma linguística restringia-se, quase que exclusivamente de forma limitada, à escrita.

Como as escolas que ultrapassavam o nível básico pressupunham um tempo maior de dedicação ao conhecimento do idioma e um período prolongado de exposição a essa linguagem, o seu aprendizado na

Evangelisches Stift adquiriu, também, um sentido de distinção social, na medida em que o uso efetivo da língua *padrão*, diferenciava as alunas daqueles que não dominavam tal linguagem. Em relação a esse aspecto, a escola tinha um rigoroso controle, não recomendando o contato das alunas com os empregados da escola, os quais falavam, na sua maioria, o dialeto ou uma linguagem híbrida entre o português e o alemão. Nesse sentido, a Sra. Clere Engel Ruhl, ex-aluna, em entrevista nos confidenciou que *elas* não gostavam que as alunas conversassem com as serventes.¹¹

A fim de complementar a argumentação, citamos o trecho de um manual de boas maneiras, publicado em alemão, datado de 1897, que circulou na *Evangelisches Stift* no período abordado nesta pesquisa, orientando:

[...] não deve-se acostumar com dialetos. Com os criados não se deve falar de uma forma mais simples e sim mostrar uma boa linguagem. Uma forma concisa de se expressar é o caminho que a linguagem está tomando (KALLMANN, 1897, p. 43).

O aprendizado da língua alemã na *Evangelisches Stift* adquiriu também um sentido de distinção, na medida em que o uso efetivo da língua *padrão* pelas alunas as diferenciava daqueles, cujo aprendizado, limitava-se à linguagem escrita e, muitas vezes, somente a alfabetização.

As disciplinas de Trabalhos Manuais, Música, Línguas e Conhecimentos Gerais, todas com ampla carga horária, demonstraram ter sido, a *Evangelisches Stift*, uma Instituição na qual vigorou o modelo de educação feminina tipicamente burguesa, vigente no país naquele período. Trabalhos Manuais era a disciplina de maior carga horária do currículo

entre os anos de 1897 a 1920, com 12 a 17 horas semanais, quando se ensinavam

[...] todas as sortes de trabalhos singelos e artificiais feitos à agulha, tais são: crochet, frivolité, crivo, renda irlandesa, costuras, bordados a ouro, a seda em branco, em étamine, em filó e pontos de malha.¹²

As aulas incluíam conteúdos como a organização da casa, cozinha, pintura em tela e jardinagem. Essa última mereceu sempre destaque especial, refletindo o valor que a burguesia europeia do século XIX atribuiu ao jardim, o qual tornou-se um elemento fundamental da vida burguesa. Os trabalhos de pintura em tela também refletiam um modo da vida essencialmente burguês, marcado por atividades que podiam ser definidas como passatempos, no sentido literal do termo, ou seja, maneiras de ocupar o tempo livre. Renaux (1995) diz que, quase todas as famílias burguesas tinham mostras do talento artístico de suas filhas na parede da casa.

Fruto da condenação do ócio pela burguesia, uma boa dona de casa deveria manter-se sempre ocupada. Os trabalhos manuais, nesse sentido, constituíam-se na melhor maneira de ocupar as horas nos momentos em que não mais realizaria o trabalho doméstico. Esse, agora, seria executado por uma empregada e quando “[...] não tinha mais nada para fazer a mulher pegava o bordado. Pois, uma mulher caprichosa, nunca se entrega ao ócio” (RENAUX, 1995, p. 163). Sobre essa visão das mulheres da elite brasileira no século XIX, Habner (2012) comenta que, na realidade elas tinham muito a fazer no seu cotidiano, supervisionando todas as atividades da casa, desde a produção de roupas, alimentos e utensílios domésticos.

Da mesma forma, o ensino de línguas estrangeiras, música, desenho e conhecimentos gerais eram disciplinas que compunham o currículo da *Evangelisches Stift*, caracterizando a educação da moça burguesa. Tais habilidades, diferentemente daquelas domésticas, remetem, também, à maior sociabilidade dessa mulher, e um importante capital para realização de um bom casamento. Habner (2012, p. 59), ao discutir o restrito acesso das mulheres ao ensino superior diz que "[...] as mulheres tirariam maior benefício do estudo de línguas estrangeiras e de música, o que as valorizaria para um bom casamento," o qual manteve por muito tempo, um papel central na vida da maioria das mulheres das camadas mais abastadas.

O desenvolvimento econômico da zona colonial alemã trouxe um incremento da vida social e cultural praticada, principalmente nos clubes, onde os sócios reuniam-se para dançar, assistir uma peça de teatro, praticar esportes. A frequência a esses lugares requeria um tipo de comportamento adequado, especialmente das mulheres. Nos encontros, um mínimo de conhecimento tornava-se necessário para conversar e, talvez, impressionar um futuro pretendente. O gênero feminino tornara-se, desse modo, representante do *status* da família, da mesma forma que na Europa do século XIX, onde, excluídas de qualquer participação nos negócios e na vida pública, elas "[...] reinavam no privado pelo sistema da etiqueta, das regras da 'sociedade' e da 'temporada' [...]. Dirigiam a 'sociedade' e eram suas guardiãs" (HALL, 1994, p. 85).

A formação das moças na *Evangelisches Stift* não se deu somente através dos conteúdos curriculares. Em regime de internato, a escola

mantinha as meninas sob vigilância constante, exigindo o máximo de ordem e disciplina, com o intuito de moldá-las para o adequado cumprimento de seu papel social. Os movimentos das alunas eram controlados a partir da total ocupação do espaço e do tempo. As horas do dia eram cuidadosamente planejadas, inclusive as destinadas ao lazer. Da mesma forma, os espaços da escola eram ocupados de acordo um regulamento bastante rígido. Essa estratégia, segundo Foucault (1987) satisfaz não só a necessidade de vigiar, mas também de criar um espaço útil, como podemos ver no Regimento Interno da *Evangelisches Stift*:

As pensionistas levantam às 5:30 horas da manhã, depois de terem rezado. Vestem-se silenciosamente, sem rir nem conversar. Fazem sua toalete na sala de banho. Às 6:00 horas a toalete deve estar concluída. As meninas dirigem-se então para baixo ao salão de estudos, onde em silêncio e diligentemente ocupam-se com seus temas e estudos.

Às 7:00 horas toca a sineta para o café. As alunas atenderão imediatamente o sinal. As cadeiras serão postas sem ruído no lugar de cada uma, e os livros são colocados para o lado. Após o café será feita uma curta meditação coletiva. Às 8:00 horas toca o sino para reunião nas salas de aula, e 5 minutos após toca novamente para o início do ensino. Durante a aula bem como nos intervalos espera-se das alunas um comportamento exemplar. Às 12:00 horas haverá o almoço. Durante o mesmo não se conversa, e levanta-se só com autorização.

Às 14:00 horas começam as aulas de trabalhos manuais, que se estendem até o anoitecer. Algumas vezes, na semana, podem ocorrer aulas das 5:00 às 6:00. Depois da janta as alunas fazem suas tarefas escolares. Às 9:00 todas vão para cama.

A música e aulas facultativas tem lugar durante o espaço de trabalhos manuais.

Espera-se das alunas que se esforcem o máximo para manter a ordem, não só no dormitório como em qualquer outra sala onde nada deve ser depositado. Aparas de papel, casca de frutas, etc., não devem ser jogadas no chão ou no telhado. No corredor e nas escadas ninguém deve ficar parado.

No dormitório não se irá durante o dia sem permissão. Sem autorização da diretora nenhuma aluna pode sair, como também não se darão nem receberão recados ou encomendas. As meio-pensionistas não assumirão encargos de qualquer tipo de pensionistas.

As pensionistas só se presentearão entre si com autorização dos responsáveis.

Toda correspondência recebida e enviada será trazida à leitura das professoras. A professora fechará o envelope das cartas remetidas.

As educandas, enquanto no instituto, não praticarão jogos abertos ou de bola.

Durante o inverno serão usados vestidos quentes e escuros. As pensionistas podem receber visitas em dias determinados e com autorização dos responsáveis.

Alunas enfermas podem ser visitadas somente com autorização da responsável.¹³

Paralelo ao exercício da disciplina, funcionava um conjunto de penalidades que atingia toda a vida escolar. No relatório anual da escola de 1915, no item *Hausordnung* (ordem da casa), lê-se:

Objetos encontrados são devolvidos por 5 vinténs cobrados pela desordem. [...] Por manchas na toalha de mesa são pagos 100 réis. Cada aluna deve cuidar de maneira especial a ordem, a limpeza e o comportamento cortês. Desobediência e comportamento descortês podem ter como consequência a demissão da Stift [...].¹⁴

A disciplina rígida não era apenas aceita pelos pais das alunas como fazia parte das

suas aspirações em relação à escola. Filhas habilidosas e dóceis, submissas aos pais e maridos, mas com certa cultura, eram um orgulho para a família e, muitas vezes, a garantia de um bom casamento. Em publicação do jornal *Sontagsblatt*, o presidente do Sínodo Wilhelm Rotermund observava: “muitos pais se admiram que a sua moleca ou a sua cabeçudinha, na Stift ficou tão bem comportada. Isso não implica em grandes crises, é o espírito da alegria e da disciplina que tiram a oposição. Eles se sentem bem com isto”.¹⁵

Publicações desse teor construíam a imagem da escola perante a sociedade. A aparição pública das alunas nos passeios feitos quatro vezes por semana e as idas ao culto, contribuíam para essa construção. Dispostas rigorosamente em fila, igualmente vestidas (roupas e sapatos brancos contrastavam com as ruas sem calçamento e empoeiradas) e, sob o olhar vigilante da professora, tornavam-se o próprio símbolo da ordem e da disciplina.

As práticas disciplinares objetivavam, ainda, a formação moral das alunas nos moldes burgueses, em especial aqueles ligados a sexualidade, manifestado nos *cuidados com o corpo*. Esses cuidados figuravam nos objetivos da escola, descritos no prospecto de 1904:

[...] o Pensionato de Moças *Evangelisches Stift* em *Hamburger Berg* tem por objetivo [...] garantir-lhes um cuidado responsável nas horas livres e garantir-lhes um culto sadio do corpo.¹⁶

Esse cuidado é descrito por Foucault (1988, p. 119) como uma das formas primordiais de consciência de classe da burguesia europeia no decorrer do século XVIII em que

[...] ela converteu o sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia." Para o autor, a sexualidade é "originária e historicamente burguesa (1988, p. 120).

A preocupação com o corpo e uma sexualidade sadia resultaram num processo crescente de higienização da sociedade ocidental, que visava, em última análise, a produção de um corpo social sadio e disciplinado. Os colégios, especialmente os internatos, contribuíram de maneira importante na transmissão desses ideais. Uma das formas de disciplinamento era por meio de aulas de ginástica, cuja finalidade foi destacada, em 1909, pela diretora da escola que menciona que "uma das professoras que será enviada de lá (Alemanha), deverá ter um curso de ginástica. Exercícios esportivos e ginástica no clima deste país permitem movimentos eficientes e necessários".¹⁷ A aparência de um corpo higiênico e saudável era reforçado pelo cuidado com o vestuário, impecavelmente limpo e bem cuidado. A extensa lista do enxoval das internas fornece-nos mostras da atenção dada pela escola a esse aspecto, principalmente em relação às peças íntimas, exigidas em grande quantidade.

A higiene, como forma de regulação da sexualidade das alunas estava presente, também, na arquitetura do prédio e na distribuição dos espaços. Os dormitórios conjuntos facilitavam a vigilância individual, estando, a aluna sempre sob a mira de algum olhar que controlava, desse modo, a sexualidade das meninas. Ao estarem sozinhas poderiam "cair em tentação" e dedicarem-se a práticas sexuais ilícitas, consideradas prejudiciais a saúde da futura mãe." Sobre essa questão

Costa (1983) escreve que a masturbação era considerada um perigo para saúde física, moral e intelectual dos jovens, assim como a organização dos colégios deveria preveni-la, combatê-la e

[...] não se deveria permitir que dormissem sós em quartos separados. À noite, os dormitórios deveriam conservar acesa uma "âmpada" para intimidá-los (COSTA, 1983, p. 188-189).

Considerações finais

Esses corpos higiênicos, bem vestidos e calçados diferenciavam-se daqueles das *colonas*, cujo trabalho duro na roça, no estábulo, na cozinha e mais tarde na fábrica, eram incompatíveis com essa imagem imaculada. Para os teuto-brasileiros da zona rural, o sapato, por exemplo era artigo de luxo, reservado para situações especiais como a ida a missa/culto ou a visita a cidade. Da mesma forma, os movimentos uniformes desenvolvidos nas aulas de ginástica, de pouco serviriam para a realização das tarefas diárias de uma colona, como as descritas acima pela Sra. Luiza.

Dizemos, portanto, que um currículo específico aliado a práticas disciplinares destinavam-se, na *Stift*, à construção do modelo de mulher idealizado pela burguesia, no qual os adjetivos prendada, habilidosa, dócil e submissa eram fundamentais. Tais atributos, porém se distanciavam daqueles necessários ao trabalho realizado pela maioria das mulheres que viveram no mesmo espaço temporal e espacial e que pertenciam ao mesmo grupo étnico.

Enquanto nas camadas mais baixas da população da área de imigração alemã,

as mulheres continuaram a ter importância econômica, como aquelas pioneiras descritas por Roche (1969), nas camadas mais altas, elas perderam essa função, tornando-se responsáveis, muito mais pelo *status* da família, ou seja, pelo aparato simbólico que lhes conferia identidade de classe. Nesse sentido, esse grupo incorporou os valores da burguesia europeia do século XIX, assumindo, sobretudo o ideário positivista, no que diz respeito ao papel atribuído às mulheres na sociedade. Acreditamos não podermos estudar a história das mulheres na imigração alemã, mas sim histórias, no plural, que leve em consideração toda a complexidade social e cultural do grupo em questão. Assim, o estereótipo de que as mulheres alemãs eram *trabalhadoras e independentes* deve ser relativizado, questionando sobre quais mulheres alemãs estamos nos referindo, as da *roça* ou as da *sala de visitas*?

Abstract

The article is about a German girls' school - the *Evangelisches Stift* - which functioned as a boarding school in Hamburgo Velho - *Hamburgerberg* - since the late nineteenth century, analyzing the academic formation of the so called, *girls of the best families* as a producer of the symbolic elements of social distinction. In this sense, the study breaks with the classical historiography on the *teuto-sul-rio-grandenses* women, that prevails in a stereotypical and homogeneous view of the group, ignoring the multiplicity of identities that conform. Seeks to demonstrate how social-cultural, religious, ethnic and gender components trace the

German-Brazilian female identity in Rio Grande do Sul in the late nineteenth and early twentieth century.

Keywords: German immigration. Social distinction. Identity.

Resumen

El artículo trata de una escuela femenina alemana - la *Evangelisches Stift* -, que funcionaba como un colegio de internos, en Hamburgo Velho - *Hamburgerberg* -, desde fines del siglo XIX, analizando la formación escolar de las, así denominadas, "chicas de las mejores familias", como productora de los elementos simbólicos de la distinción social. En este sentido, el estudio rompe con la historiografía clásica sobre las mujeres *teuto-sul-rio-grandenses* en el cual predomina una visión estereotipada y homogénea del grupo, no teniendo en cuenta la multiplicidad de identidades que lo conforma. Se busca demostrar de qué manera componentes socioculturales, religiosos, étnicos y de género dibujan la identidad femenina *teuto-brasileira* en el Rio Grande do Sul en fines del siglo XIX e primeras décadas del siglo XX.

Palabras clave: Inmigración alemana. Distinción social. Identidad.

Notas

- ¹ *Hamburger-Berg*, posteriormente denominado Hamburgo Velho, foi a localidade em que se iniciou a povoação que deu origem ao município de Novo Hamburgo, instituído como tal em 1927.
- ² A delimitação desse período articula-se ao processo histórico da própria escola. O ano inicial refere-se à institucionalização da Escola como uma

- escola da Igreja Luterana e o final designa uma reorientação na prática pedagógica e no corpo docente da Escola, dando início a uma nova fase com características distintas.
- ³ Entrevista com a Sra. Luiza concedida em 20 de março de 1992. O sobrenome foi preservado a pedido do entrevistado.
- ⁴ Ao utilizarmos o termo burguesia para definir o grupo, entendemos como um grupo amplo, composto pelas camadas médias e altas da sociedade em questão, comungando dos mesmos valores e estilos de vida, resultantes de um processo de aburguesamento que se espalhou pela sociedade ocidental e integrou o processo de formação, consolidação a hegemonia da burguesia capitalista no século XIX. Embora as características gerais refiram-se a burguesia européia, guardadas as peculiaridades latino-americanas do período, essas orientam o tratamento a ser dado ao grupo burguês encontrado nas áreas do Brasil Meridional, as quais foram povoadas por um significativo contingente de origem alemã.
- ⁵ Relatório da Viagem do Pastor Braunschweig. *Evangelisches Zentralarchiv* in Berlin. Kirchliches Aubenamt, 1910. Band 2247. Fiche:4398. Original alemão. Tradução livre.
- ⁶ Entrevista com a Sra. Madalena Cassel e Renata Becker, em 03 de março de 1997, na presença de sua mãe, Wilma Ludwig Becker. Embora não fale mais devido sua idade avançada, participou da entrevista conformando as informações dadas pelas filhas.
- ⁷ Correspondência de Frida Pechmann. *Evangelisches Zentralarchiv* in Berlin. Kirchliches Aubenamt. 1913. Band 66. Fiche: 87. Tradução livre.
- ⁸ O Deutschtum ou germanidade agrupa um conjunto de valores alemães. De acordo com Gans (1996), este “[...] englobava a língua, a cultura, o *geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que estava relacionado a ela, mas como nação e não como Estado.” Este conceito se liga a idéia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão era sempre alemão, ainda que tivesse nascido em outro país”. (p. 74).
- ⁹ O *espírito alemão* sintetiza tudo o que é, essencialmente alemão em termos culturais, envolvendo a filosofia, a arte, a religião, a língua, a ciência, etc.
- ¹⁰ Termo utilizado para definir o alto alemão ou alemão gramatical.
- ¹¹ Entrevista com a Sra. Clere Engel Ruhl, em 10 de março de 1997, em Porto Alegre/RS.
- ¹² Prospecto da *Evangelisches Stift*. Novo Hamburgo: (s.n), 1904. (IENH).
- ¹³ *Jahresbericht des Evangelisches Stifts – Töchterpensionat – zu Hamburgerberg*. São Leopoldo: Editora Rotermond, 1897.
- ¹⁴ *Jahresbericht des Evangelisches Stifts (töchterpensionat) zu Hamburgerberg*. Weihnacht, 1915. [IENH]. Tradução Livre.
- ¹⁵ Recorte do jornal *Sontagsblatt*. Matéria assinada por W. Rotermond (s.d). Através dos dados presentes no artigo, supõe-se que seja 1915. *Evangelisches Zentralarchiv* in Berlin. Ev. Gesellschaft für die prot. Deutschem in Amerika. Band. 66 Fiche:87. Tradução Livre.
- ¹⁶ Prospecto da *Evangelisches Stift*. Novo Hamburgo: (s.n), 1904. [IENH].
- ¹⁷ Correspondência da diretora da *Evangelisches Stift*. *Evangelisches Zentralarchiv* in Berlin. Ev. Gesellschaft für die prot. Deutschem in Amerika. 1909. Band. 66. Fiche:85. Tradução Livre.

Referências

AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos ‘Mucker’*. São Paulo: Símbolo, 1978.

BONOW, Imgart. G. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha*. 1996 Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do RGS. 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *História da sexualidade 1*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

GEVEHR, Daniel Luciano. *Pelos caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (re)significados*. 2007. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, UNISINOS. São Leopoldo, 2007.

HABNER, June E. Mulheres da elite: honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Maria Joana. (Orgs). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Catherine. Swett home. In: PERROT, M. (Org.). *A história da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. v.4.

KALLMANN, Emma. *Der Gute Ton Handbuch de feinen lebensart und guten sitte*. Berlin SW 12: Hugo Steinitz Derlag, 1897.

LOURO, Guacira L. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

MAGALHÃES, Marionilde D. B. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pan-germanista no sul do Brasil*. 1993. Tese (Doutorado em História). Campinas, Universidade de Campinas.

RENAUX, Maria Luiza. *O papel da mulher no vale do Itajaí: 1850-1950*. Blumenau: FURB, 1995.

MONTE DOMEQ, O Rio Grande do Sul colonial. Barcelona: Ed. Thomas, 1918. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. In: CARVALHO, M. R. G. (Org.). *Identidade étnica, mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1980.